



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

PROJETO PEDAGÓGICO
DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MACEIÓ / 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto das Ciências Humanas, Comunicação e Artes da UFAL, elaborado com objetivo da sua adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais.

Equipe de Elaboração:

- **Arthur Bispo dos Santos Neto**
- Francisco Pereira de Sousa
- Marcus José Alves
- Maria Aparecida Batista de Oliveira
- Walter Matias Lima

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

NOME DO CURSO: Licenciatura em Filosofia

TÍTULO OFERTADO: Licenciado em Filosofia

RECONHECIMENTO: Decreto Federal nº 36.657/54, publicado no D.O.U em 03/01/1955 –
Decreto Federal nº 30.238 em 22/01/1952

TURNO: noturno

CARGA HORÁRIA: 3.080

DURAÇÃO : 4 a 7 anos

VAGAS: 40 anuais

PERFIL: O licenciado deverá estar habilitado para enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do Ensino Médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente. Além disso, deverá ser um profissional capaz de elaborar análises críticas em relação ao Homem à natureza e a realidade cotidiana.

CAMPO DE TRABALHO: Instituições educacionais públicas e privadas.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	5
	Justificativa.....	8
2.	PERFIL DO EGRESSO	16
3.	HABILIDADES,COMPETÊNCIAS /ATITUDES	17
4.	HABILITAÇÕES E ÊNFASES	18
5.	CONTEÚDOS/MATRIZ CURRICULAR.....	19
6.	ORDENAMENTO CURRICULAR	25
	Estrutura Curricular	26
	Disciplinas do Eixo Móvel	28
	Disciplinas Livres da Universidade.....	28
	Ementário das Disciplinas	Erro! Indicador não definido.
5.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	47
6.	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	47
7.	AVALIAÇÃO	48
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

I. INTRODUÇÃO

Um Projeto Político Pedagógico, como o próprio nome indica, objetiva e sinaliza para uma meta, que envolve fundamentalmente as dimensões políticas e pedagógicas da educação indissociadas, intimamente relacionadas entre si, fundidas num Projeto.

Pensar e fazer educação formal, numa perspectiva político-pedagógica, significa compreender que a educação não é um mero trabalho que se executa no interior de uma sala de aula, de uma escola, de uma universidade, limitado à relação professor-aluno. O ato pedagógico carrega implicações sociais. Não é neutro. Está marcado pela prática social de cada momento histórico. Nesse sentido, a construção ou reconstrução de um Projeto Político Pedagógico pode ser alterado, simplesmente adequando-se ao *status quo* do momento ou assumindo postura crítica e um compromisso de transformação frente à realidade.

O Curso de Filosofia da UFAL, através de seus professores e estudantes, ao fazer sua reestruturação, procurou partir da realidade concreta. Refletiu sobre a forma como se organiza, educa e prepara os indivíduos para viverem nele mesma; sobre os conhecimentos e as experiências historicamente acumuladas, tanto pelo conjunto da humanidade, quanto pelo próprio Curso, em seus 50 anos de existência; procurou superar a concepção de educação e ensino de Filosofia como absolutas, como redentora da sociedade. Contudo, concebendo a educação formal enquanto uma das formas específicas das quais a sociedade se utiliza para educar seus indivíduos, consideram que o Curso de Filosofia tem um papel importante a desempenhar, pois se, por um lado, a realidade, a educação e a Filosofia são determinadas, por outro lado, também são determinantes sociais. Assim, comprometidos com o Projeto Político Pedagógico renovado, professores e estudantes pretendem contribuir com a formação de profissionais/educadores “tecnicamente” competentes em relação ao trabalho que executam e reafirmar o compromisso com a transformação social. Não se trata de política em detrimento da educação ou da Filosofia, nem fazer política educacional ou de fazer Filosofia desconsiderando a dimensão política. Trata-se de, consciente e intencionalmente, fazer política e cultura fazendo educação e filosofando.

Sabemos das limitações da educação e da prática filosófica enquanto elemento da superestrutura social, mas também sabemos da contribuição que elas podem dar para esclarecer e compreender a realidade e possibilitar a inserção numa práxis transformadora.

Este Projeto, radicado na realidade em que vivemos, possui uma intencionalidade, aponta, projeta, induz para a superação dessa realidade e construção de outra. Mas, dentre outros limites para sua implementação, enfrentamos as condições concretas de trabalho, a carência de material e espaço acadêmicos adequados; as diferenças e divergências na compreensão, os encaminhamentos e compromissos de cada um. Temos clareza de que uma coisa é o projeto e outra a sua realização. Isso não significa que, na prática, a teoria é outra, mas que se constitui numa mediação. Temos consciência de que a sua concretização não ocorre mecanicamente. É um projeto em construção. Não é algo dado, um documento ou uma espécie de carimbo que se imprime e com o qual transfere a marca imediata. Trata-se de um mediador entre uma intenção e sua realização.

Traçamos um perfil de curso e de profissional da Filosofia bastante definidos. No entanto, a sua construção depende, em grande parte, de pessoas e profissionais diferenciados que vão construir a unidade e implantar um projeto comum. Isso implica dirimir diferenças, não negá-las, nem se fechar nelas. Cada um precisa compreender que se trata de um projeto comum e que precisa trabalhar e contribuir com a sua parte na construção. O projeto não consiste num aglomerado e justaposição de partes que formam um todo, mas sim numa unidade teórico-prática dialética que articula unidade na diversidade, tendo como centro o Projeto Político Pedagógico e como meta a sua construção.

A construção coletiva tem sido a marca deste projeto e pretende-se que sua implementação continue sendo um compromisso de todos os envolvidos, desde o início da reestruturação do Curso de Filosofia da UFAL, em 1996.

Entendemos que este projeto não é absoluto, mas possibilita significativos avanços. Contudo, além de compreendermos cada vez mais sobre a especificidade da Filosofia, precisamos dar continuidade e aprofundar as discussões e articulações com as licenciaturas.

O trabalho de formação de profissionais em Filosofia exige um posicionamento firme dos educadores. Nesse sentido, os professores e alunos do Curso de Filosofia da UFAL, ao reconstruir seu Projeto Político Pedagógico, afirmam, explicitamente, suas posições em

defesa do ensino público, gratuito, universal, de qualidade, comprometido com a classe trabalhadora e opõem-se às práticas políticas que defendem a precarização, a privatização e a elitização do ensino em suas diferentes formas; opõem-se à cobrança de mensalidades e à transformação da universidade, que é uma instituição social, em uma organização social.

Não caímos na moda de fazer reestruturação ao sabor dos políticos de plantão, dos interesses do mercado, das propostas neoliberais, porém não as desconsideramos. Fizemos devido à necessidade suscitada pelo curso, pela LDB, pela realidade e pelas exigências dos professores e alunos. O novo Projeto é a explicitação do caminho e da forma pensada, refletida e construída por um coletivo para dar respostas aos atuais desafios educacionais e sociais que enfrentamos. Procuramos resgatar o processo pedagógico na formação dos profissionais em Filosofia, valorizando o ensino da Filosofia na sua totalidade; buscamos proporcionar uma sólida fundamentação teórico-metodológica, que possibilite e capacite os licenciandos a desempenhar os diferentes trabalhos relacionados com a atividade do ensino de Filosofia e da pesquisa filosófica; articulamos os estágios de ensino à pesquisa e à extensão, diluídos ao longo das três últimas séries do curso; objetivamos superar a fragmentação teórico-prática e construir um Projeto a partir da categoria da totalidade histórica, dialética e concreta.

Sabemos que os quatro anos do curso são insuficientes para “habilitar” e “especializar” os educandos para o fazer político-pedagógico para a vida. Porém, este projeto pretende, através do trabalho dos profissionais que atuam no Curso, da integração com os alunos, do conjunto das disciplinas, da articulação entre as mesmas, da sólida fundamentação teórica e metodológica, das discussões, da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, numa palavra, através do Projeto Político-Pedagógico, ajudar o(a) estudante a conquistar sua autonomia cognitiva, a ser um(a) estudioso(a), a caminhar por conta própria, mas não sozinho(a), nem desenvolver uma atividade qualquer, e sim que, a partir da análise e compreensão da realidade, através da discussão coletiva consiga fazer escolhas, realize-se profissionalmente, saiba discernir as implicações dos trabalhos que realiza e atue de forma crítica e transformadora.

Assim sendo, estamos neste momento apresentando o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Filosofia, convencidos de que a implementação deste Projeto, em breve, produzirá significativas mudanças na compreensão do ensino de Filosofia e também na atuação daqueles que desejam tornar a Licenciatura em Filosofia em uma formação séria e

atuante. Esperamos que sirva para refletir sobre a práxis filosófica e pedagógica e nos auxilie a atuar cada vez de forma mais crítica e transformadora.

1.2. Justificativa

Temos visto que toda Filosofia é, por sua natureza e em certo sentido, pedagógica – de onde podemos inferir que o filósofo, todo filósofo, também é, em um certo sentido, um pedagogo.

José Gaos, *apud* Kohan, Walter Omar, *O ensino da Filosofia Frente à educação como formação* (2003).

Existe atualmente uma crescente preocupação, dentro e fora da Universidade, acerca de assuntos diretamente relacionados ao âmbito da crítica e reflexão filosófica. Nota-se um sensível aumento de publicações referentes à Filosofia – desde publicações de trabalhos acadêmicos, de textos de divulgação até a tradução de clássicos do pensamento filosófico – bem como a presença de temas pertinentes ao estudo filosófico em debates, entrevistas, programas divulgados nos meios de comunicação de massa e colóquios e congressos referentes a temas específicos da Filosofia, bem como a congressos que tratam especificamente do Ensino de Filosofia e publicações que são o resultado de pesquisas de pós-graduação e congressos tratando do que já se chama de Filosofia do ensino de Filosofia. Com o objetivo de explorar, filosoficamente, a didática do Ensino de Filosofia em seus vários níveis, gerar espaços para troca de experiências entre professores atuantes em todo o país e explorar novas possibilidades teóricas e metodológicas para pensar e praticar o ensino de Filosofia (Cornelli, 2003:14).

Temas como Ética, Ética e Política, Bioética, Cidadania, Trabalho, Liberdade etc., estão presentes no cotidiano e a própria conjuntura político-sócio-cultural de nosso país exige a urgência da conceituação filosófica necessária para o tratamento de questões cada vez mais urgentes em nossa sociedade.

O interesse demonstrado pelo público, universitário em particular, participante das diversas atividades de extensão (cursos flexíveis, seminários, debates etc.) realizadas pelo então Departamento de Filosofia da UFAL e a dimensão, cada vez mais ampla, que o espaço para a docência relativa ao retorno da disciplina Filosofia ao Ensino Médio e Fundamental, são apenas alguns dos elementos que indicam a pertinência do Curso de Graduação em Filosofia. Todavia, além do “mercado” de trabalho ligado ao Ensino Médio e Fundamental, o

profissional de Filosofia realiza pesquisa junto às Universidade e Instituições. Assessoria em Comitês de Ética e Bioética são apenas exemplos que poderiam ser ampliados.

Portanto e como primeira consideração é preciso reiterar a pertinência dos esforços que vêm sendo desenvolvidos, no sentido de se educar filosoficamente todos os educandos em todos os momentos de seu tempo escolar. É de se reconhecer, então, a procedência da experiência pedagógica do exercício filosófico pleno desde o Ensino Fundamental. Sem prejuízo de todas as cautelas e das eventuais limitações das experiências realizadas ou dos modelos paradigmáticos adotados, parece acertado historicamente levar as crianças à experiência de um diálogo filosófico, munindo-se de estratégias adequadas para que se inicie, na verdade, ative-se a capacidade de pensar sistematicamente, que é própria da Filosofia.

Igualmente válidas são a continuidade e a expansão da formação filosófica dos adolescentes no Ensino Médio, de indiscutível relevância nessa fase tão significativa na formação da identidade do ser humano. Os investimentos na formação filosófica de crianças e adolescentes parecem-nos procedentes, uma vez que essa formação contribui mesmo para o amadurecimento de opções, por parte de jovens, pelo campo da prática filosófica. Para tudo, precisamos de uma sensibilização, como bem o mostra o caso da sensibilidade estética.

Este momento do ensino de filosofia merece uma atenção especial, uma vez que a tendência da licenciatura em Filosofia é levar o formado ao magistério de Ensino médio, pois o desenrolar histórico da presença/ausência da filosofia no ensino médio, nunca foi linear ou harmônico. O conflito, a luta, a desistência, tem permeado tal processo. "Até mesmo por se tratar da presença num nível de ensino que passou por sérias crises de identidade, ora voltando—se para a formação profissional, ora à formação geral, a presença da disciplina de Filosofia no Ensino Médio foi problemática" (Martins, 2000, p. 100).

O equívoco em que os educadores brasileiros incorrem, de modo especial, aqueles vinculados à filosofia e seu ensino, ao acreditar que, com a “nova” LDB — 9394/96, o espaço reservado no currículo escolar do ensino médio ao ensino de filosofia estaria garantido, reforça—se através de uma série de posturas autocráticas e autoritárias do MEC e do Presidente FHC, haja vista as ocorrências e decorrências dos trâmites do PL 3178/97, da autoria de Roque Zimmermann no Congresso Nacional.

Esse processo tem sido uma grande e trágica polêmica histórica, diz Zimmermann (2001), analisando a questão das idas e vindas, exclusões e retornos da filosofia dos currículos escolares.

Pelas determinações da LDB 9394/96 o ensino da Filosofia em nenhum aspecto é proibido, mas, apesar de indicação de sua possibilidade, também não é obrigatório. Dilui—se em considerações e determinações sobre currículo para o ensino médio e, em seu Artigo 36, parágrafo 1, inciso III, diz—se que:

1º — Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I — Domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II — Conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III — Domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Tais considerações se confirmam, enquanto tal, com a promulgação das Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio CNE/CEB— 1998, nas quais se explicita a estruturação do currículo não mais em disciplinas, mas através das chamadas áreas de conhecimento (Artigo 10, itens 1, II, III). Nesse sentido, definem—se, nas referidas Diretrizes Curriculares Nacionais, três grandes áreas para esse ensino:

— Linguagens e Códigos e suas tecnologias;

— Matemática e Ciências da Natureza e suas tecnologias;

— Ciências Humanas e suas tecnologias.

Na Resolução CNE/CEB n. 03/98, de 26 de junho de 1998, que estabelece as referidas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, considera—se, em seu Artigo 1, que as mesmas se constituem num conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização pedagógica e curricular, de cada unidade escolar integrante dos diversos sistemas de ensino, em atendimento ao que manda a lei, tendo em vista vincular a educação com o mundo do trabalho e a prática social, consolidando a preparação para o exercício da cidadania e propiciando a preparação básica para o trabalho.

No Artigo 30 das mesmas Diretrizes Curriculares, estabelecem-se condições para a observância dos valores previstos pela LDB 9394/96, que deverão ser “coerentes com princípios estéticos, políticos e éticos”, abrangendo “a Estética da Sensibilidade, a Política de Igualdade e a Ética da Identidade”. Nos Artigos 40 e 50, respectivamente, estabelecem-se as formas para os registros das propostas pedagógicas e seus currículos, com determinações específicas para a organização desses currículos no ensino médio.

Os princípios pedagógicos da Identidade, Diversidade e Autonomia, da Interdisciplinaridade e da Contextualização serão adotados como estruturadores dos currículos do ensino médio, sendo apresentados no Artigo 60 das referidas Diretrizes Curriculares.

No parágrafo 1º do Artigo 10, da Resolução 03/98, diz-se que:

“A base nacional comum dos currículos do Ensino Médio deverá contemplar as três áreas do conhecimento [acima referidas], com tratamento metodológico que evidencie a interdisciplinaridade e a contextualização”.

No parágrafo 2º do mesmo Artigo, afirma-se que: “As novas propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para:

- a) Educação Física e Arte, como componentes curriculares obrigatórios;
- b) Conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

Vale aqui ressaltarem—se alguns aspectos contidos no Parecer CNE/CEB nº 15/98, de 1º de julho de 1998, sob a relatoria da conselheira Guiomar Namó de Mello, cujo Relatório, extenso e minucioso, trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a serem apresentadas pela Resolução nº 3/98, de 26 de junho de 1998, que vem, posteriormente, dar as Bases aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio — PCN—EM, editados em 1999 e, hoje, em plena vigência, mesmo a despeito da inadequada compreensão de suas proposições por parte de significativo número de educadores que atuam nesse nível de ensino escolar.

Os aspectos a serem acentuados nessa ação pedagógica, diz a relatora, referem—se aos valores e princípios estéticos, políticos e éticos e à questão da Estética da Sensibilidade, da Política de Identidade e da Ética da Igualdade, propostas no Artigo 3º da Resolução nº 03/98.

Ressalta a relatora que as três consignas: sensibilidade, igualdade e identidade, bem como os referidos valores e princípios estéticos, políticos e éticos, já inspiraram a Constituição Federal e a própria LDB 9394/96. Diz, ainda, que uma racionalidade, a ser desenvolvida no aluno do ensino médio com base nesses princípios, poderá formar “pessoas solidárias e responsáveis, por serem autônomas, sendo que:

Essa racionalidade supõe que num mundo em que a tecnologia revoluciona todos dos âmbitos de vida e, ao disseminar informação amplia as possibilidades de escolha, mas também a incerteza, a identidade autônoma se constitui a partir da ética, da estética e da política, mas precisa estar ancorada em conhecimentos e competências intelectuais que dêem acesso a significados sobre o mundo físico e social. Esses conhecimentos e competências é que darão sustentação à análise, à prospecção e à solução de problemas, à capacidade de tomar decisões, à adaptabilidade a novas situações, à arte de dar sentido a um mundo em mutação.

Diz ainda a relatora, na seqüência de considerações sobre a questão, que:

Não é por acaso que essas mesmas competências estão entre as mais valorizadas pelas novas formas de produção pós—industrial que se instalam nas economias contemporâneas. Essa é a esperança e a promessa que o novo humanismo traz para a educação, em especial a média: a possibilidade de integrar a formação para o trabalho num projeto mais ambicioso de desenvolvimento da pessoa humana. (...) Portanto, os conhecimentos e as competências cognitivas e sociais que se quer desenvolver nos jovens alunos do Ensino Médio remetem à educação como constituição de identidades comprometidas com a busca da *verdade*.

Nesse sentido, o inciso III do artigo 35 da LDB 9394/96 infere necessidade do “aprimoramento do educando como pessoa humana, (...) a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, tarefas que certamente a filosofia facilitaria no aluno de EM”.

Há clara dicotomia e acentuada dubiedade de colocações entre as duas normatizações legais, a LDB 9394/96 e as referidas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1998), pois ao mesmo tempo em que se fala apenas em conhecimentos mínimos de filosofia no ensino médio, atribuiu—se a tais saberes relevante significância para promover a cidadania. No entanto, não há que interpretar—se tais contradições como simples equívoco, diz Martins (2000), mas sim como parte de um jogo, como peça de um mosaico bem planejado, para que se processe de modo inequívoco, porém não explícito, a lógica que

está a mover as reformas educacionais no país, desde o início da década de 90 — aquela (lógica) do capital internacional e dos interesses neoliberais e do mercado.

Algumas considerações sobre a LDB 9394/96, talvez contribuam para uma melhor análise da questão. No artigo 26 da lei maior da educação brasileira, diz—se que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Nos cinco parágrafos que compõem e complementam este artigo, fazem—se referências a essa ou aquela disciplina; no entanto, sem referências explícitas à inclusão da filosofia como disciplina obrigatória no currículo do ensino médio. Segue-se o Artigo 27 da referida legislação educacional, estabelecendo que:

Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I — difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bemcomum e à ordem democrática;

II — consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III — orientação para o trabalho;

IV — promoção do desporto educacional e o apoio às práticas desportivas não formais.

Por sua vez, na seqüência das normatizações da LDB 9394/96, no Artigo 35 estabelece-se que:

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade.

I — a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II — a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III — o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV — a compreensão dos fundamentos científicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Conforme já se expôs anteriormente, no parágrafo 1º, inciso III do Artigo 36, é onde se faz explícita referência “aos conhecimentos de filosofia (e sociologia) necessários ao exercício da cidadania”, os quais deverão ser ofertados em forma de conteúdos, cujas metodologias de ensino e formas de avaliação contemplem o exposto nos artigos anteriores — 27, 35 e o próprio 36, onde se faz referência aos saberes necessários ao aluno do ensino médio.

Percebe-se que a filosofia é contemplada referencialmente apenas como conhecimentos a serem dominados e demonstrados ao final do curso do ensino médio. De algum modo indica-se a necessidade de que a filosofia faça parte do ensino médio. Difere tal indicação, no entanto, do modo como, nos cinco parágrafos do Artigo 26 da LDB 9394/96, se expõe a obrigatoriedade de presença nos currículos do ensino médio da língua portuguesa, da matemática, das ciências naturais, das ciências que tratam da realidade social e política, das artes, da educação física, da história e da língua estrangeira.

Se a lei educacional não aponta objetiva e diretamente a obrigatoriedade da presença da filosofia no currículo, permanecendo sua indicação apenas como “conhecimentos a serem dominados” pelo aluno ao final do ensino médio, sua oferta será, portanto, decorrente da vontade da direção da escola, a qual poderá ou não ofertá-la no percentual de 25% disciplinas, como complementar ao currículo pleno.

Percebe-se que, apesar de intensa discussão, debates e estudos sobre a questão da filosofia e seu ensino, seu *locus* ainda não é claramente delimitado no currículo do ensino médio, podendo-se, talvez, refletir profundamente sobre sua necessidade e validade da forma como vem sendo trabalhada, desde os primórdios da educação brasileira, de modo idealístico, retórico, formalista e descolado das possibilidades de uma contextualização adequada aos tempos de transição que se vive na sociedade contemporânea.

Este longo excursão pelas diretrizes do ensino da Filosofia no ensino Médio se fez necessário devido à necessidade de uma maior interação entre o ensino de Filosofia no Nível Superior e as perspectivas para o ensino de Filosofia no Nível Médio

E, no caso, então, do Ensino Superior, a formação filosófica torna-se uma exigência ainda mais abrangente e completa, tendo em vista que agora a educação se envolve

diretamente com a própria produção do conhecimento, com a responsabilidade, não só da preparação profissional para a atuação direta nos destinos da sociedade, mas também com a sustentação do próprio processo de produção da ciência.

Até pela relevância e imprescindibilidade do exercício da reflexão filosófica no seio da cultura, o ensino da Filosofia merece um cuidado especial, na medida em que é um locus de desencadeamento e processo de busca de sentido. Não se trata apenas de se instruir numa determinada habilidade nem de se apropriar de um acervo de conhecimentos. Trata-se, ao contrário, de se instaurar, de se desenvolver e de amadurecer um estilo de reflexão, um modo de pensar, um jeito especial de fazer atuar a subjetividade. Obviamente, isto tem de ser conquistado através de mediações pedagógicas, fazendo-se assim absolutamente imprescindível o ensino. Portanto, uma Licenciatura em Filosofia deve também atentar para o fato de que o filosofar contemporâneo não pode deixar de considerar que é também tarefa sua decodificar a atualidade do mundo, investir na explicitação de seu sentido na contingencialidade de seu produzir histórico. Por isso, ela é também uma investigação sobre o sentido do presente, com tudo que isso tem de arriscado. Torna-se necessário para o filósofo, estar atento às manifestações do real histórico do momento, daí a decorrente exigência de diálogo com todas as demais expressões do conhecimento, pois, afinal, a Filosofia não dará conta, sozinha, de toda essa hermenêutica do real, da vida e da história, produzindo Filosofia sem correr o risco de cair no textualismo e em sínteses doutrinárias ou monocromatismos ideológicos.

2. PERFIL DO EGRESSO

Atualmente, consolidando e consubstanciando o Parecer 277/62, os Cursos de Filosofia deverão seguir as prerrogativas da RESOLUÇÃO CNE/CES 12, DE 13 DE MARÇO DE 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Filosofia e que sugere o seguinte:

- Sólida formação de história da Filosofia, que capacite para a compreensão e a transmissão dos principais temas, problemas, sistemas filosóficos, assim como para a análise e reflexão crítica da realidade social em que se insere.
- O licenciado deverá estar habilitado para enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do Ensino Médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente.
- Os egressos podem contribuir profissionalmente também em outras áreas, no debate interdisciplinar, nas assessorias culturais etc.
- Ser consciente e comprometido com a qualidade de seu trabalho e conhecer a amplitude de sua atuação profissional;
- Dominar o conhecimento da realidade em que está inserido, para ser capaz de melhor interferir nessa realidade;
- Adquirir competência didático-pedagógica e teórico-metodológica para o ensino da Filosofia e para a pesquisa em Filosofia, numa perspectiva dialético-dialógica, sem apresentar a Filosofia como corpo doutrinário, ideológico ou dogmático.

3. HABILIDADES,COMPETÊNCIAS /ATITUDES

- Capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento;
- Capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política;
- Capacidade para análise, interpretação e comentário de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica;
- Compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais;
- Percepção da integração necessária entre a Filosofia e a produção científica, artística, bem como com o agir pessoal e político;
- Capacidade de relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com o respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos.
- Capacidade de leitura e compreensão de textos filosóficos em língua estrangeira
- Competência na utilização da informática.
- Desenvolver atitude de construção do conhecimento, enfatizando uma postura crítica, investigativa e criativa, promovendo a pesquisa num contexto de ação-reflexão-ação, bem como viabilizar a produção filosófica;
- Desenvolver o sentido de Universidade como instituição social e não como organização social, contemplando as diversas transversalidades entre ensino, pesquisa e extensão;
- Desenvolver práticas de interlocução entre os diversos segmentos acadêmicos para a avaliação permanente de processos de formação;

4. HABILITAÇÕES E ÊNFASES

Um curso de licenciatura em filosofia orienta-se para a formação básica de um professor de filosofia. Dessa constatação fundamental depreende-se uma dupla dimensão: filosófica e educacional. Nesse sentido, o binômio “filósofo-educador” indica um conjunto de ações e disposições da configuração do projeto pedagógico do Curso de Filosofia da UFAL. E diante das exigências que esse binômio evoca, o curso pretende, mais especificamente, por meio de seu currículo, fornecer as ferramentas básicas para que o aluno egresso possa efetivamente exercer suas funções de professor de filosofia e continuar seu processo de investigação filosófica de modo autônomo durante toda sua vida. Na forma de seu currículo, bem como, de um conjunto de atividades, o curso de filosofia pretende proporcionar uma formação em filosofia com ênfase nas problemáticas filosóficas características da filosofia contemporânea.

5. CONTEÚDOS/MATRIZ CURRICULAR

A discussão sobre a questão da formação de professores é fundamental para os cursos de licenciatura em Filosofia, pois, além da especificidade temática inerente a esses cursos, há uma questão nomeadamente pedagógica e que pode ser decisiva para a inserção e presença da Filosofia como disciplina curricular dos ensinos médio e fundamental.

Uma concepção que é importante enfatizar aqui é que, atualmente, nos cursos de licenciatura, enfatiza-se a formação de professores apenas como uma atividade de transmissão de conhecimentos e de métodos de ensino, centrada na competência do professor. Mesmo destacando a importância da figura do professor na atividade pedagógica, o que parece ser um ponto positivo, o problema com essa concepção é que nela o êxito da formação está diretamente relacionado com a capacidade de dominar e compreender os conteúdos necessários para a condução das atividades em sala de aula. O fundamental para essa concepção é a competência técnica do professor, mais especificamente a sua capacidade de reter e transmitir os elementos considerados por ele como necessários para o desempenho das atividades em sala de aula.

É interessante observar que entre os professores dos cursos de Pedagogia é mais freqüente o exercício da discussão e da crítica sobre as implicações envolvidas na concepção tradicional da atividade de ensino com vistas à formação de professores, mas o mesmo não ocorre entre os professores que atuam nos cursos de licenciatura em Filosofia. Enfatizamos que nos nossos cursos ainda predomina uma certa resistência quanto ao tratamento dessas questões. Estamos mais preocupados em formar estudantes que estejam preparados para serem bons pesquisadores e para ingressarem nos cursos de pós-graduação do que em formar bons professores, como se formar um bom pesquisador não implicasse também formar um professor, ou em formar um professor não implicasse formar um pesquisador.

Uma das formas mais tradicionais de agenciamento da perspectiva tradicional nos cursos de licenciatura é o recurso da prática de aulas expositivas, nas quais o professor, munido de um conjunto de informações, transmite aos estudantes os conhecimentos que ele supõe serem fundamentais para a intervenção em aula. Mas essa concepção de que a

modalidade expositiva permite ao estudante aprender como ensinar não deixa de ser problemática, pois o que está em questão é justamente o aprendizado de uma prática.

Mas podemos pensar num tipo de formação na qual o professor, responsável por formar novos professores, faz da sua própria prática ou atividade de ensinar um objeto de reflexão, e não somente um exercício no qual ele aplica uma teoria previamente elaborada. Talvez com isso deixássemos de pensar a teoria como uma instância separada da prática, e esta como uma mera aplicação daquela. Quem sabe o encurtamento da distância que separa a teoria da prática nos conduza a novas investigações e reflexões sobre valores e concepção que, efetivamente, contribuam para a atividade pedagógica. Com isso estaríamos longe da idéia de que, para haver uma boa aprendizagem, basta haver um professor com capacidade suficiente para ministrar um curso de formação, no qual o êxito esteja relacionado com o conhecimento dos conteúdos específicos requeridos para a prática e com o conhecimento dos procedimentos e esquemas requeridos para a coordenação e condução das atividades em sala de aula. Pois o fato de que o professor esteja suficientemente capacitado para ministrar os conteúdos requeridos e de que ele seja um bom conhecedor desses conteúdos apenas é uma parte da complexidade que caracteriza a formação para a prática de ensino.

Assim sendo, a defesa de que a formação do professor tem a ver diretamente com a reflexão sobre a ação implica conceber o ensino como um construto, cuja determinação depende da prática daquele que ensina. Ensinar não é algo que se aprende por observação e sequer se aprende através de manuais. Mas se pode aprender com os professores, à medida em que eles possibilitem aos seus alunos a oportunidade que, ao ingressarem no magistério, como futuros professores, eles tenham condições de pensarem-se a si mesmos e de pensarem na sua profissão, a partir das suas próprias ações. Esse tipo de ênfase na formação é importante e a sua realização independe de uma disciplina específica, pois aprender a ser professor é algo cujo início coincide com o ingresso na vida escolar. A atenção aqui se redobra, pois este aprendizado pode ocorrer quando a reflexão sobre as ações não seja prioritária nas atividades educacionais, o que exige uma postura mais comprometida dos professores e professoras que atuam em uma licenciatura, pois são formadores de futuros professores e professoras.

O Curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, procurando atender ao exposto até agora neste Projeto Político-Pedagógico e com habilitação em licenciatura, será administrado dentro do Regime Acadêmico Semestral, observando as orientações dispostas na *Resolução 25/2005 do CEPE-UFAL*.

A proposta curricular é formada de seis eixos, que se integram na perspectiva de cultivar: habilidades acadêmicas básicas, habilidades pedagógicas, habilidades investigativas filosóficas, o conhecimento sobre a história da filosofia e sobre temáticas consagradas da tradição filosófica. Têm-se, assim, os seguintes eixos:

1. Eixo propedêutico
2. Eixo histórico-filosófico,
3. Eixo temático, eixo pedagógico,
4. Eixo investigativo e eixo móvel.

Para isso, o currículo pretende, num primeiro momento, privilegiar as ferramentas básicas para a reflexão filosófica, a saber, a prática de leitura e produção de textos, isto é, uma preparação para a compreensão e efetivação de uma boa vida acadêmica. Esse momento configurará o **eixo propedêutico** do curso de Filosofia. A atenção à palavra, seu cultivo, é elemento indispensável para o exercício da atividade acadêmica e filosófica. Portanto, o controle e a manipulação capacitada da linguagem (leitura, escrita e oralidade) são habilidades fundamentais para qualquer aluno universitário, sobretudo de Filosofia. Em geral, existe o desafio dos alunos que ingressam no curso com enormes dificuldades de expor claramente suas idéias, de modo escrito ou oral, o que se dá por diversos fatores, entre os quais, destaca-se, via de regra, a ausência do hábito de leitura. Essa realidade requer uma ação pensada para superá-la. Assim, o currículo contemplará, como forma de enfrentar tais dificuldades, além das disciplinas Língua portuguesa I e II, a Metodologia Científica, a disciplina Oficina de Textos Filosóficos, como oportunidade de ter contato com os textos propriamente filosóficos e produzir sínteses, reflexões e comentários escritos sobre os mesmos, de acordo com as regras e exigências acadêmicas. Portanto, essas disciplinas, associadas à disciplina Lógica (que faz parte do eixo temático-reflexivo) e às disciplinas básicas de um currículo de nível superior em Humanas - Sociologia, Introdução à Psicologia - pretendem dar o suporte necessário para qualquer exercício reflexivo no âmbito acadêmico e, em especial, filosófico. Essas disciplinas têm o objetivo de nivelar, em patamares aceitáveis, os alunos que ingressam num curso superior de Filosofia. A proposta é que essas disciplinas básicas já tenham sido ministradas até o terceiro semestre, o que proporcionaria um conjunto de habilidades para um encontro mais proveitoso com as disciplinas temáticas, que se intensificariam no quarto semestre.

O segundo eixo formador do curso é o **histórico-filosófico**. Esse eixo é importante na construção do cabedal filosófico fundamental do aluno. É formado pelas disciplinas de História da Filosofia. Ao total serão oito “Histórias”, duas para cada período histórico: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Pretende-se, com essas disciplinas, que o aluno tome contato com a tradição filosófica, suas principais formulações, seus principais expoentes, os problemas característicos de cada época histórica, visando que o aluno faça minimamente uma síntese da trajetória do pensamento filosófico historicamente construído. Além disso, dar-se-á ênfase, nessas disciplinas, ao contato com as fontes primárias de constituição dessa tradição. As fontes secundárias, ou seja, os compêndios de História da Filosofia, teriam seu status de material didático e acessório, como o próprio nome diz, essa bibliografia teria o papel “secundário”. (Talvez se possa pensar uma ênfase quantitativa em história da filosofia contemporânea – em discussão).

Outro eixo é formado pelo conjunto de disciplinas de caráter pedagógico, exigidas por lei para constituição de uma licenciatura – **eixo pedagógico**, também exigência legal do mesmo parecer citado. Como um curso de licenciatura em Filosofia, a primeira idéia é que as disciplinas pedagógicas não tenham um caráter isolacionista. A pedagogia, dentro da Filosofia, não é vista como algo puramente metodológico, técnico. A postura criativa e crítica diante das técnicas e do saber pedagógico serão incentivados. Com isso, pensa-se em articular e solucionar duas demandas:

1. Fazer com que as reflexões pedagógicas tornem-se mais filosóficas, isto é, que se aproximem da problemática filosófica do que é ensinar Filosofia, contribuindo assim, com sua especialidade, para instigar e encaminhar possíveis soluções a essa questão e constituindo um espaço interdisciplinar no curso de Filosofia.
2. Fazer perceber que, devido à própria natureza da Filosofia, é impossível desvincular ensino de Filosofia de sua pesquisa. A Filosofia, como atividade precipuamente investigativa, supõe a capacitação na prática de pesquisa daqueles que pretendem ensinar Filosofia.

Concretamente, teremos as disciplinas pedagógicas exigidas por lei como espaços de formação básica de um professor de segundo grau e, na medida do possível, já nesse momento, tais disciplinas poderão se preocupar com a formação básica de um professor de

Filosofia, dimensionando suas reflexões a partir da problemática filosófica do ensino da Filosofia. O eixo seria formado pelas disciplinas

A proposta da disciplina Problemas do Ensino da Filosofia é constituir um momento privilegiado de discussão das temáticas que constituem o problema do Ensino da Filosofia. Com esse conjunto de disciplinas suprir-se-ia a formação pedagógica básica e específica de um professor de Filosofia.

Outro eixo formador do currículo do curso de Filosofia é composto das disciplinas temáticas. É o eixo **temático reflexivo**. As disciplinas temáticas são formadas pelas disciplinas: ética, teoria do conhecimento e Filosofia Geral: Problemas Metafísicos e lógica.

Compondo ainda o eixo temático-reflexivo, além das disciplinas temáticas tradicionais exigidas por lei, existem as disciplinas temáticas específicas, que têm objetos de investigação mais determinados e privilegiam problemáticas de relevo teórico de caráter aglutinador. Tais disciplinas, além de possuir um relevo histórico por constituir-se uma preocupação forte em um determinado tempo histórico da tradição, dão também significado a proposta de ênfase em problemáticas filosóficas contemporâneas. Tais disciplinas fazem com que o aluno ganhe acuidade crítica na percepção das produções filosóficas e não filosóficas, além de constituírem-se um espaço de possível retematização ou recolocação dos problemas (disciplinas) tradicionais. No Curso, são elas: Estética, Filosofia da Linguagem, Antropologia Filosófica, Filosofia Política, Filosofia das Ciências, Ontologia.

A capacidade de discernimento das fronteiras e articulações entre os problemas filosóficos (tradicionais e específicos) faz com que o aluno tenha maior clareza para se situar diante das variadas produções da tradição, bem como disciplinar seu pensamento na percepção do que lhe mais chama a atenção como inquietação filosófica, isso para formulação de seu objeto de pesquisa visando o TCC.

Outro eixo é o **investigativo**. Nele, se pretende garantir oportunidade de uma autêntica prática de pesquisa em filosofia de acordo com o estágio formativo de graduação em filosofia. Esse eixo é o formado por duas disciplinas: Metodologia da Pesquisa Filosófica e Trabalho de Conclusão de Curso.

O Curso ainda terá um **eixo móvel**, composto por cinco disciplinas obrigatórias eletivas. Esse eixo contempla um amplo grupo de temáticas, que será desenvolvido entre o

quarto e o sétimo semestre do curso, nos quais, presume-se, o aluno já teria maturidade para enfrentar reflexões mais específicas da Filosofia, sobretudo, contemporânea. A presença dessas disciplinas tem ainda duas razões:

- 1) Dar a oportunidade aos alunos de tomarem contato com reflexões de relevante interesse para complementação da formação filosófica dos mesmos;
- 2) Dar a oportunidade aos professores de exporem o resultado de suas pesquisas aos alunos, propiciando um espaço de debate e aprofundamento de questões atuais e/ou de relevo no contexto do cenário filosófico atual.

A formulação dessa matriz curricular levou em consideração os seguintes princípios:

- a) Proporcionar uma formação acadêmica fundamental;
- b) Construir um cabedal básico de compreensão da tradição filosófica, com ênfase na Filosofia contemporânea;
- c) Estabelecer, numa licenciatura de Filosofia, a articulação entre reflexão pedagógica e filosófica, tendo como fio condutor a problemática do ensino da Filosofia;
- d) Proporcionar uma experiência de pesquisa acadêmica efetiva, de acordo com o caráter de licenciatura do curso, tendo como horizonte a noção “professor-pesquisador” em Filosofia;
- e) Oferecer um leque flexível de disciplinas que contemplem discussões atuais e relevantes no âmbito da Filosofia.

A programação acadêmica tem como base um semestre letivo de 100 dias. A carga horária de cada disciplina deverá ser integralizada obrigatoriamente, devendo as aulas perdidas serem repostas no período estabelecido no cronograma da PROGRAD.

6. ORDENAMENTO CURRICULAR

Curso de Licenciatura em Filosofia da UFAL terá seu ordenamento curricular efetivado através de eixos formadores e séries semestrais. São eles:

1. **Eixo Propedêutico**, formado pelas disciplinas: (7 disciplinas): Língua Portuguesa , Metodologia Científica, Oficina de Textos Filosóficos, Introdução à Filosofia, Sociologia.
2. **Eixo Histórico-filosófico**: (7 disciplinas): História da Filosofia Antiga I e II, História da Filosofia Medieval, História da Filosofia Moderna I e II, História da Filosofia Contemporânea I e II.
3. **Eixo Pedagógico-filosófico**: Disciplinas específicas para a Licenciatura.
4. **Eixo Temático-reflexivo**: (9 disciplinas): Ética, Estética, Lógica, Teoria do Conhecimento, Problemas Metafísicos, Filosofia da Linguagem, Filosofia Política, Filosofia das Ciências e Antropologia Filosófica.
5. Eixo Móvel – Disciplinas Eletivas
6. **Eixo Investigativo** (2 disciplinas): Metodologia da Pesquisa Filosófica e Trabalho de Conclusão de Curso

Estrutura Curricular

PRIMEIRO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	LIC
FIL137	INTRODUÇÃO À FILOSOFIA	80	
	Organização do Trabalho Acadêmico	40	
FIL138	HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA	80	
FILL004	Projetos Integradores	40	
	PROFISSÃO DOCENTE	60	
LCV444	LÍNGUA PORTUGUESA I	40	
CSO437	SOCIOLOGIA	40	
		380	

SEGUNDO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
FIL139	HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA II	FIL138	80	OB
	Pol. E Org. da Edu. Bás. no Brasil		80	OB
	Projetos Integradores		40	
	Língua Portuguesa II		40	
FIL154	LÓGICA		80	OB
		320		

TERCEIRO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
FIL153	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL	FIL139	80	
	Projetos Integradores		40	
	Desenvolvimento da Aprendizagem		80	
Fil	OFICINA DE TEXTOS FILOSÓFICOS		80	
FIL 155	ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA		80	
	Eletiva		40	
		380		

QUARTO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
FIL128	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I	FIL158	80	
	Projetos Integradores		40	
	Eletiva		40	
	Plan. Curr. E Aval. Da Aprendizagem		80	
FIL 144	TEORIA DO CONHECIMENTO	FIL153	80	
FIL150	ESTÉTICA		80	
			400	

QUINTO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
FIL129	HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA II	FIL128	80	
FIL156	PROBLEMAS METAFÍSICOS (ONTOLOGIA)		40	
FIL148	Filosofia Política		80	
	Proj. Pedag. Org. e Gest. Do Trab. Escolar		80	
	Estágio I		40	
FIL 145	ÉTICA		80	
			400	

SEXTO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
FIL146	HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA I	FIL129	80	
FIL 160	METODOLOGIA DA PESQUISA FILOSÓFICA		80	
	Eletiva		40	
	Projetos Integradores		40	
	Estágio II		80	
FIL164	FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS		80	
			400	

SÉTIMO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
	FILOSOFIA E EDUCAÇÃO		60	
FIL149	HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA II	FIL146	80	
FIL135	Trabalho de Conclusão de Curso		60	
FIL 147	FILOSOFIA DA LINGUAGEM	FIL144	80	

	Projetos Integradores		40	
	Estágio III		80	
		400		

OITAVO SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ	CH	LIC
	HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL		80	
	PROBLEMAS DO ENSINO DE FILOSOFIA		80	
FIL135	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	FIL 160	80	
	Eletiva		40	
	Estágio IV		80	
	Projetos Integradores		40	
		400		

Disciplinas do Eixo Móvel (Eletivas)

- Bioética,
- Introdução ao Latim,
- Tópicos de Ontologia
- História do Marxismo
- Hermenêutica Filosófica,
- Epistemologia das Ciências Sociais,
- Tópicos Especiais em Filosofia da Linguagem,
- Alemão Instrumental,
- Inglês Instrumental,
- Francês Instrumental,
- Filosofia da Mente,
- Filosofia da História,
- Filosofia e Literatura.

EMENTAS PARA AS DISCIPLINAS DO CURSO DE FILOSOFIA

1. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

EMENTA:

Identificando a filosofia como o trabalho do conceito, introduzir a filosofia a partir da gênese do pensamento: do mítico ao racional. A filosofia como explicação da realidade. Apontando para os grandes problemas filosóficos: o problema do ser, o problema do conhecimento, o problema da vida, assim como o desenvolvimento da filosofia na história, com o aparecimento de problemas e disciplinas filosóficas. O lugar da filosofia na atual sociedade.

REFERÊNCIAS:

- ABRANTES, Paulo Imagens da natureza, imagens de ciência. Campinas – SP Editora Papyrus, 1998.
- BORNHEIM, Gerd A. Introdução ao filosofar; o pensamento filosófico em bases existenciais. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1986.
- CARRILHO, M.M. O que é filosofia? Lisboa: Editora Difusão Cultural, 1994.
- CHAUÍ, Marilena Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Rio de Janeiro: 34, 2001.
- DIAS, M.C. O que é filosofia? Ouro Preto: Editora UFOP, 1996.
- FOLSCHIED, D. & WUNENBURGER, J.J. Metodologia filosófica. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- HOLLIS, M Filosofia - um convite. São Paulo: Editora Loyola, 1996.
- HOOYKAS, R. A religião e o desenvolvimento da ciência moderna. Brasília: Editora da UnB, 1988.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A filosofia na crise da modernidade. São Paulo: Loyola, 1990. (Coleção filosofia).
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Sobre a fundamentação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- PASCAL, I. A arte de pensar. São Paulo: Editora M.Fontes, 1995.

2. LÓGICA

EMENTA:

Situando a lógica na problemática filosófica, apresentando seu desenvolvimento, delimitando seu objeto e divisão. Possibilitando o aluno a compreensão e utilização dos conceitos lógicos na construção de raciocínios: dedutivos e indutivos: formando argumentos. O contato com a lógica como um instrumento para a construção de argumentos e distinção histórica da lógica formal e da lógica simbólica.

REFERÊNCIAS:

- ARISTÓTELES. Organon –VI, Argumentos Sofísticos. Lisboa: Guimarães Editores, LTDA,

- 1986.
- _____ . Categorias, De Interpretatione. Madrid: Editorial Tecnos, 1999. (Edição em conjunto com Isagoge de Porfírio)
 - AZEVEDO, Vânia Dutra de. Et alli. Introdução à lógica. 3.ed. Ijuí-RS: Ed. Unijuí, 2004.
 - BLANCHÉ, R. História da lógica de Aristóteles a Bertrand Russel. Lisboa: Ed. 70.
 - CERQUEIRA, Luiz A. & OLIVA, Alberto. Introdução à lógica. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1979.
 - COPI, Irving. Introdução à lógica. Trad. Álvaro Cabral. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
 - CURY, Márcia Xavier. Introdução à lógica. São Paulo: Editora Érica, 1996.
 - DAGHLIAN, Lógica e álgebra de Boole. 4.ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1995.
 - HAACK, Susan. Filosofia das lógicas. Trad. Cezar Augusto Mortari e Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
 - HAIGHT, Mary. A Raposa e a serpente – uma introdução á lógica. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2003.
 - HESENBERG, L. Lógica: o cálculo sentencial. 2.ed. rev. São Paulo: EPU, 1977.
 - _____. Definições – termos teóricos e significado. São Paulo: Cultrix/Edusp.
 - _____. Lógica: simbolização e dedução. São Paulo:EPU, 1975.
 - _____. Dicionário de lógica. São Paulo: EPU, 1995.
 - KELLER, Vicente & BASTOS, Cleverson L. Aprendendo Lógica. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
 - KNEALE, W. & KNEALE, M. O Desenvolvimento da lógica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
 - LIARD, L. Lógica. Trad. Godofredo Rangel. 9.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.
 - LUNZARGO, Carlos. O que é lógica. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
 - MARGUTTI PINTO, Paulo R. Introdução à lógica simbólica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
 - MATES, Benson. Lógica elementar. São Paulo: Cia Ed. Nacional/Edusp, 1967
 - MORTARI, Cezar A. Introdução à lógica. São Paulo: Ed. UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2001.
 - NUDLER, Telma B. Lógica dinâmica. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1969.
 - QUINE, W.V. Filosofia da lógica. Trad. Therezinha Alvim Cannabrava. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
 - TUGENDHAT, Ernst & Wolf, Ursula. Propedêutica Lógico-semântica. 2.ed. Petrópolis: Vozes.2005.

3. TEORIA DO CONHECIMENTO

EMENTA: O problema do conhecimento e a reflexão filosófica. O problema das possibilidades e das fontes do conhecimento. A questão epistemológica: epistemologias e filosofia na elaboração atual da filosofia do conhecimento. Os novos caminhos da razão no Ocidente: perspectiva da pós-modernidade, desafios à racionalidade filosófica, novos rumos da construção do saber.

REFERÊNCIAS:

- AGOSTINHO, Santo. ?Tratado sobre a trindade - Livro X?. In: DE BONI. Filosofia medieval: textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- AQUINO, Tomás de. Verdade e conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Col Os Pensadores.
- BEZERRA FILHO, Cabral. Epistemologia e teoria da ciência. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BEZERRA FILHO, Cabral. Epistemologia e teoria da ciência. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CAYGILL, Howard. Dicionário Kant. Rio de Janeiro: Zahar, 2000
- BILBIOGRAFIA COMPLEMENTAR:
- CHIEREGHIN, Franco. Introdução à leitura de Fenomenologia do Espírito de Hegel. Lisboa: Edições 70, 1998.
- DELEUZE, Giles. A filosofia crítica de Kant. Lisboa: Edições 70, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e interesse: com um novo posfácio. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HYPOLITE, Jean. Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- JAPIASSU, Hilton Ferreira. Introdução ao pensamento epistemológico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- JAPIASSU, Hilton. Introdução ao pensamento epistemológico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LUFT, Eduardo. As sementes da dúvida. Investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana. São Paulo: Mandarim, 2001.
- MENESES, Paulo. Para ler a Fenomenologia do Espírito de Hegel. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- RABUSKE, Edvino. Epistemologia das ciências humanas. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.
- STEIN, Ernildo. Epistemologia e crítica da modernidade. Ijuí: Unijuí, 1991.
- STEIN, Ernildo. Epistemologia e crítica da modernidade. Ijuí: UNIJUÍ, 1991
- ZILLES, Urbano. Teoria do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

4. PROBLEMAS METAFÍSICOS (ONTOLOGIA)

A metafísica como postura diante da realidade. As questões fundamentais da metafísica. O estudo da metafísica nas transformações históricas que o termo sofreu: a busca pelo princípio e pelo fundamento, desembocando na ontologia como estudo do ser. A verdade como desocultamento do ser.

REFERÊNCIAS:

- AQUINO, Tomás de. O Ente e a Essência. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HEGEL, G.W.F. Enciclopédia das Ciências Filosóficas. São Paulo: Loyola, 1995, Vol. I e III.
- HEGEL, G.W.F. Princípios da filosofia do direito. São Paulo: Ícone Editora, 1997.
- LIMA VAZ, H. Cláudio. Ontologia e história. São Paulo: Duas Cidades, 1968.

PLATÃO. Sofista. Tradução de Jorge Pekeilat. IN: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BILBIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

AQUINO, Tomás de. Suma teológica. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DERRIDA, J. Margens da Filosofia. Porto: 1. ed. Res, s/d.

DESCARTES. Meditationes de Prima Philosophia. Paris: Adm/Tannery, 1973.

GILSON, E. L'etre Et L'essence. Paris: J. Vrin, 1962.

HARTMANN, N. Ontologia. México Ed. F. C. Econ, 1954.

HEIDEGGER, M. Introdução a Metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1966.

HEIDEGGER, M. Que é a Metafísica? São Paulo: 2 Cidades, 1969.

JASPERS, K. Filosofia da Existência. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Fides et Rati. São Paulo: Paulinas, 1998.

LIMA VAZ, H. Cláudio. Escritos de Filosofia III. Filosofia e Cultura São Paulo: Loyola, 1997.

LIMA VAZ, H. Cláudio. Escritos de Filosofia IV. Introdução à Ética Filosófica São Paulo: Loyola, 1999.

MARIAS, Julian. Antropologia metafísica; estrutura empírica da vida humana. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

MONDIN, Batista. Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica 1. São Paulo: Paulus, 1997.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Diálogos entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 2000.

OLSCAMP, P. J. Introdução à Filosofia (Cap. 5: Causalidade) RJ/SP: Tec. Cient., 1980.

RABSSI, E. A. Analisis Filosófico, Lenguaje Y Metafísica. Caracas. 1. ed. Monte Ávila, 1977.

RAEYMAEKER, Luís de. Filosofia do ser. Ensaio de síntese metafísica. São Paulo: Herder, 1967.

REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga. São Paulo: Loyola, 1994, Vol II.

ROUSSELOT, Pierre. A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino. São Paulo: Loyola, 1999.

RYLE, G. Categorias (Em "Os Pensadores"). S. P.:Abril Cultural, 1975

6. ÉTICA

A partir da leitura dos textos dos principais filósofos que problematizaram a ética, discutir os pressupostos filosóficos da reflexão ética e do agir moral, apontando, tendo como perspectiva o itinerário histórico, os problemas éticos da atualidade.

REFERÊNCIAS:

APEL, Karl-Otto. Estudos de moral moderna. Petrópolis: Vozes, 1994.

AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. Brasília: UnB, 1999.

CHANGEUX, Jean-Pierre. Uma mesma ética para todos? Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DUSSEL, Enrique. Ética Libertação. Petrópolis: Editorial Vozes, 2002.

FRANKEANA, W. Ética. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GUARIGLIA, Osvaldo. Moralidad: ética universalista y sujeto moral. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HEGEL, G.W.F. O sistema da vida ética. Lisboa: edições 70, 1991.
- HEGEL, G.W.F. Princípios de filosofia do direito. São Paulo: Ícone, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- JONAS, Hans. El principio de responsabilidad. Barcelona: Herder, 1995.
- KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Lisboa: Edições 70, 1996.
- KÜNG, Hans. Projeto de ética mundial. São Paulo: Paulinas, 1993.
- LAUAND, Luiz Jean (org). Ética: questões fundamentais. São Paulo: EDIX, 1994.
- MACINTYRE, Alasdair. Justiça de quem? Qual racionalidade. São Paulo: Loyola, 1991.
- MARX, Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MOORE, George. Principia Ethica. São Paulo: Abril, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOVAES, Adauto (org). Ética. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (org). Correntes fundamentais da ética contemporânea. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Ética e práxis histórica. São Paulo: Ática, 1995.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Ética e racionalidade moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Ética e Sociabilidade. São Paulo: Loyola, 1993.
- OLIVEIRA, Nythamar de. Tractatus Ethico-Politicus. POA: EDIPUCRS, 1999.
- PEGORARO, Olinto. Ética e justiça. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1997.
- PLATÃO. Crítion. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- RAWLS, John. O liberalismo político. São Paulo: Ática, 1997.
- RAWLS, John. Uma teoria da justiça. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SINGER, Peter. Ética prática. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TAYLOR, Charles. Argumentos filosóficos. São Paulo: Loyola, 2000.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. Ética. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1992.
- WEBER, Thadeu. Ética e Filosofia Política: Hegel e o formalismo kantiano. POA: EDIPUCRS, 1999

7. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

A disciplina tem como pressuposto básico: o homem como problema filosófico. Essa questão será abordada a partir das respostas da história ao problema do homem: pensamento grego, medieval, moderno e contemporâneo. Esboço de uma antropologia filosófica: o problema do ser, o homem como ser radicalmente aberto, o homem como ser de liberdade, o homem como ser de linguagem, apresentando a antropologia filosófica entre a ética e a ontologia.

REFERÊNCIAS:

- BUBER, Martin. Eu e Tu. São Paulo : Cortez & Moraes, 1977.
- CARVALHO, José Maurício de. O Homem e a Filosofia: pequenas meditações sobre existência e cultura. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1998.
- CASSIRER, Ernst. Antropologia Filosófica - Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- DE BONI, Lis A. Antropologia: perspectivas filosóficas. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia. São Lourenço de Brindes, 1976.
- GADAMER, H.G. (org.). Nova Antropologia: o homem e sua existência biológica, social e cultural. São Paulo : EPU, 1977.
- GOULIANE, C.I. A Problemática do Homem: ensaio de uma antropologia. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1969.
- GRAMSCI, Antonio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo. Lisboa : Guimarães, 1998
- _____. Introdução à Metafísica. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1966.
- KIERKEGAARD, Sören. O Conceito de Angústia. Lisboa : Presença, 1972.
- KIERKEGAARD, Sören. O Desespero Humano. Porto : Tavares Martins, 1961.
- LIMA VAZ, H.C. Antropologia Filosófica. São Paulo : Loyola, 1991.
- MARCUSE, Herbert. Eros e a Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro : LTC, 1999.
- MARCUSE, Herbert. Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional. Rio de Janeiro : Zahar, 1973.
- MARITAIN, Jacques. Por um Humanismo Cristão: textos seletos. São Paulo : Paulus, 1999.
- MATURANA, Humberto. El Árbol del Conocimiento: las bases biológicas del conocimiento humano. Madrid : Editorial Debate, 1999.
- MONDIN, Battista. O Homem, Quem é Ele? Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Col. Os Pensadores.
- NOGARE, Pedro Dalle. Humanismos e Anti-Humanismos em Conflito: introdução à antropologia filosófica. São Paulo : Herder, 1973.
- ORTEGA Y GASET, Jose. Origem e Epílogo da Filosofia. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1963.
- RABUSKE, Edvino. Antropologia Filosófica: um estudo sistemático. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Lisboa : Presença, 1970.
- SCHELER, Max. El Puesto del Hombre en el Cosmos: la idea de la paz perpetua y e pacifismo. Barcelona: Alba, 2000.
- STEVENSON, Leslie. Siete Teorías de la Naturaleza Humana. Madrid: Cátedra, 1998.

8. HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA 1

Apresentando a problemática em torno dos conceitos de história e história da filosofia. Situação espaço-temporal da história da filosofia apontando para o nascimento da filosofia na Grécia: características fundamentais do pensamento grego. Os grandes períodos filosóficos e os estudo de seus principais representantes.

REFERÊNCIAS:

- SPINELLI, Miguel. Filósofos Pré-Socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS. Os Pré-Socráticos. Serão consideradas Atividades Complementares São Paulo: Abril Cultural, 1985. Col. Os Pensadores.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Col. Os Pensadores.
- PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1996..
- PLATÃO. Fédon. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
- ARISTÓTELES. Política. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- REALE, Giovanni. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.
- BILBIOGRAFIA COMPLEMENTAR:**
- ARISTÓFANES. As nuvens. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Col. Os Pensadores.
- ANDRADE, Rachel Gazolla. Platão: o cosmo, o homem e a sociedade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Col. Os Pensadores.
- ARISTÓTELES. Retórica. Madrid: Gredos, 1990.
- ARISTÓTELES. Poética. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BARKER, Sir Ernest. Teoria Política Grega. Brasília: Univerdade de Brasília, 1978.
- BARNES, A. Jonathan. Filósofos Pré-socráticos. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- BORNHEIM, Gerd A. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1967.]
- BRUN, Jean. Sócrates, Platão e Aristóteles. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- BURCKHARDT, Jacob. Historia de la Cultura Griega. Barcelona: Ibéria, 1964.
- BURNET, Jonh. O despertar da filosofia grega. São Paulo: Siciliano, 1994.
- COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga: estudo sobre o culto, o direito e instituições da Grécia e Roma. Lisboa:Livraria Clássica Editora, 1941. V.1.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994, V.1.
- HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HIRSCHBERGER, Johannes. História de la Filosofia. Barcelona: Herder, 1954. v.1.
- HOMERO. Ilíada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- HOMERO. Odisséia. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KIRK, G.S. Os filósofos pré-socráticos: história, crítica, com seleção de textos. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1994.
- LAÉRCIO, Diógenes. Das vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. Brasília: EdUNB, 1988.
- LEGRAN, Gerard. Os pré-socráticos. Rio de Janeiro: JZE, 1991.
- MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. O problema de Sócrates: O Sócrates histórico e o Sócrates de Platão. Lisboa: Fundação Gulbenkian, s/d.
- MONDIN., Battista. Curso de Filosofia. São Paulo: Paulinas, 1981. v.I
- PETERES, F.E. Termos filosóficos gregos: um léxico histórico. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1983.
- PLATÃO. Górgias. Buenos Aires: Espasa-Calpe-Argentina, 1949.
- PLATÃO. Ménon. São Paulo: Ediouro, s/d.
- PLATÃO. O Simpósio (O Banquete). Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

- PLATÃO. Sofista. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.
 PLATÃO. Político. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.
 PLATÃO. Fedro. Porto Alegre: Globo, 1969.
 REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 1994. v II.
 REALE, Giovanni. Para uma nova interpretação de Platão: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das doutrinas não escritas? . São Paulo: Loyola, 1997.
 STONE, F.F. O julgamento de Sócrates. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
 TONYBEE, Arnold. Helenismo: história de uma civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Epicuro: o filósofo da alegria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O Estoicismo Romano: Sêneca, Epiceto, Marco Aurélio. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
 VERNANT, Jean-Pierre. As origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994.
 VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. Buenos Aires: Mayo, 1943.
 WATANABE, Lygia Araújo. Platão por mitos e hipóteses: um convite à leitura dos diálogos. São Paulo: Moderna, 1996.
 ZELLER, Edoardo. Compendio di storia della filosofia greca. Firenze: Valechi Editore, 1921.

9. HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA II

EMENTA: Principais correntes e movimentos filosóficos da antiguidade.

REFERÊNCIAS:

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. Aristóteles. Metafísica, ed. Gredos, Madrid, 1982 (texto trilingüe)
2. _____ . Ética a Nicômaco, ed. Garnier, Paris, 1976 (texto também em português editado pela UNB)
3. Platão, Apologia, ed. Belles Lettres, Paris 1976 (texto em português publicado pela editora Abril)
4. _____ , Teeteto, ed. Belles Lettres, Paris, 1975 (texto em português editado pela Universidade Federal do Pará)
5. _____ , República (L. VI), ed. Harvard University Press (Loeb Classical Library, texto bilingue), Londres, 1969 (texto em português editado pela Fundação Calouste Gulbenkian).
6. _____ , Banquete, Górgias, Sofista e Fedon in. Antologia Platônica, apostila organizada por Joaquim J de Moraes Neto, Dep. Filosofia, UEL, 1997-1999

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

7. Moraes Neto, J. J. Aristóteles, Eduel, Londrina., 1999.
8. _____ , A Amizade em Aristóteles, Eduel, Londrina, 1999.
9. _____ , Therapia: a teoria de conhecimento em Platão, Eduel/Cefil, Londrina, 1999
10. Reale, G. História da Filosofia, volumes I e II, ed. Loyola, SP, 1992
11. Fraile, História da Filosofia, vol. I, BAC, Madrid, 1981.
12. Sciacca, M. F., História da Filosofia, ed. Mestre Jou, SP, 1969.
13. Kirk e Raven, Os pré-socráticos, ed. Calouste Gulbenkian, Porto, 1985.
14. Crombie, A teoria do conhecimento de Platão (2 vols.), Alianza editorial, Madrid, 1982.

9. HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL

As raízes do pensamento medieval: o legado grego-romano, o legado judaico-cristão. O estudo de autores da Patrística e da Escolástica. Discussão dos filósofos medievais a partir de seus textos. A relação entre filosofia e história na época medieval.

REFERÊNCIAS:

- BREHEIR, E. La Philosophie au moyen age. Paris: Albin Michel, 1949.
- CHEVALIER, J. Historia del pensamiento. Vol II. Madrid: Ed. Aguilar, 1967.
- COPELESTON, Fr. Historia de la Filosofia. Barcelona: Ed. Ariel, 1969.
- GILSON, Etienne. La Philosophie au moyen age. Paris: Payot, 1962.
- GILSON, Etienne. L'espírito de la philosophie medievale. Paris: J. Vrin, 1969.
- GILSON, Etienne. Le Thomisme. Paris: J. Vrin, 1944.
- JOLIVET, J. Historia de la Filosofia: la filosofia medieval en occidente. México: S. XXI, 1974.
- VAN STEENBERGHEN, F. La Philosophie au XIII^e Siecle. Publ. Univers Louvain, 1966.
- CHATELET, François. História da filosofia. Vol. II, Lisboa: Dom Quixote, s/d.
- DE BONI, L. Idade média: ética e política. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1986.
- HAMMAN, A. Os padres da igreja. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ZILLES, Urbano. Fé no pensamento medieval. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1983.
- STACONNI, G. Filosofia da Religião. O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus. Petrópolis: Vozes, 1989.
- STTRATHERN, Paul. Santo Agostinho - em 90 minutos. Tradução: Marcus Penchel; Consultoria: Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: JZE, 1999.
- STTRATHERN, Paul. Santo Tomás de Aquino - em 90 minutos. Tradução: Marcus Penchel; Consultoria: Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: JZE, 1999.

10. HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA 1.

A partir da busca de um significado do renascimento e do barroco para a reflexão filosófica, compreender as principais características da filosofia moderna e seu desenvolvimento. Leitura e discussão dos principais representantes da filosofia moderna: do racionalismo e empirismo ao iluminismo e ao idealismo alemão, problematizando as questões referentes à história, à ciência, à política e à ética no mundo moderno.

REFERÊNCIAS:

- DESCARTES, R. Discurso do método. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1960.
DESCARTES, Rene. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
ESPINOSA. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
KANT. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
KANT, I. Os progressos da metafísica. Lisboa: Ed. 70, 1995.
LOCKE. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
REALE, Giovanni. História da filosofia: do humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990.
ROUSSEAU, J.J. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
ARENDT, Ah. Lições sobre a filosofia prática de Kant. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
BICCA, Luiz. Racionalidade moderna e subjetividade. São Paulo: Loyola, 1997.
CHATELET, F. História da filosofia. Rio de Janeiro: JZA, 1972.
DESCARTES, Rene. Obra escolhida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
GHIGI, G. O conceito da disciplina em John Locke: o liberalismo e os pressupostos da educação burguesa. POA: EDUPICRS, 1995.
KANT, I. Crítica na faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
OS FILÓSOFOS, através dos textos - de Platão a Sartre. São Paulo: Paulus, 1997.
PASCAL, Blaise. Pensamentos. Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
PASCAL, Blaise. O Pensamento de Kant. Petrópolis: Vozes, 1985.
RODHEN, Valério (org). Kant e a instituição da paz. POA: UFRGS, 1997.
SALGADO, Joaquim. A idéia de justiça em Kant: seu fundamento na liberdade e na igualdade. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
WEBER, Thadeu. Ética e filosofia política: Hegel e o formalismo kantiano. Porto Alegre: EDPUCRS, 1999.
YALTON, John. Dicionário Locke. Rio de Janeiro: JZE, 1996.

11. HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA II

EMENTA: Grandes temas da filosofia moderna: a relação entre razão e fé; a oposição entre racionalismo e empirismo; a filosofia como sistema; a oposição entre idealismo e realismo; o ceticismo; o naturalismo; o problema do mundo exterior; a noção de causalidade; o idealismo objetivo; a dialética.

REFERÊNCIAS:

- CASSIRER, E., La philosophie des lumières. Paris, Fayard, 1970.
RUSS, J. (sous la direction de), Histoire de la philosophie, 3. Le triomphe de la raison. Paris, Armand Colin, 1997.

- LOCKE, J., Ensaio sobre o entendimento humano. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- PARMENTIER, M., Introduction à l'Essai sur l'entendement humain de Locke. Paris, PUF, 1999.
- VIENNE, J.-M., Raison et expérience, les fondements de la morale selon Locke. Paris, Vrin, 1991.
- BERKELEY, G., Tratado do Conhecimento Humano. Três diálogos. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [2000].
- GLAUSER, R. – Berkeley et les philosophes du XVIIIe siècle. Paris, Mardaga, 1999.
- GUEROULT, M., Berkeley, quatre études sur la perception et sur Dieu. Paris, Aubier, 1956.
- CHIRPAZ, F., Hume et le procès de la métaphysique. Paris, Beauchesne, 1989.
- DELEUZE, G., Empirisme et subjectivité. Paris, 1953.
- HUME, D., Investigação sobre o entendimento humano. Lisboa, Edições 70. [1989].
— Tratado da natureza humana. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- GODLSMITH, V., Les principes du système de Rousseau. Paris, Vrin, 1974.
- ROUSSEAU, Confissões, 2 vol.. Lisboa, Relógio d'água, 1988.
- STAROBINSKI, J., La Transparence et l'obstacle. Paris, Gallimard, 1971.
- ALQUIE, F., La critique kantienne de la métaphysique. Paris, P.U.F., 1968.
- DELEUZE, G., A filosofia crítica de Kant. Lisboa, Edições 70, [].
- HAVET, J., Kant et le problème du temps. Paris, Gallimard, 1946.
- HEIDEGGER, M., Kant et le problème de la métaphysique. Paris, Gallimard, 1953.
- KANT, Crítica da Razão Pura. Lisboa, FCG, [1989].
— Crítica da Razão Prática. Lisboa, Edições 70, [1997].
— Crítica da Faculdade do Juízo. Lisboa, INCM, [1992]. ACROIX, J., Kant et le kantisme. Paris, P.U.F., 1966.
- LEBRUN, G. – Kant e o fim da metafísica. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

12. HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA 1.

A partir dos principais problemas levantados pelos filósofos do século dezenove, problematiza o conceito de razão e modernidade que se constitui nas principais abordagens filosóficas na contemporaneidade. Tendo como elemento de estudo o positivismo e o neo-positivismo, as obras de Marx, Nietzsche e Freud, do existencialismo, a repercussão do marxismo e das filosofias da linguagem e da filosofia analítica. A importância da Teoria Crítica.

REFERÊNCIAS:

- AZÚA, Javier B.R. De Heidegger a Habermas: hermenêutica y fundamentación última en la filosofía contemporânea. Barcelona: Herder, 1997.
- BOCHENSKI, J.M. A Filosofia Contemporânea Ocidental. São Paulo: Herder, 1968.
- CHATELET, A. História da Filosofia. 8 VOLUMES. Lisboa: Dom Quixote. 2001.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e Interesse. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
 HABERMAS, Jürgen. Discurso Filosófico da Modernidade. São Paulo Martins Fontes, 2002.
 HEINEMANN, Fritz. A Filosofia no Séc. XX. Lisboa: Gulbenkian, 1993.
 HIRSCHBERGER, Johannes. História da Filosofia na Idade Contemporânea. 2. ed. São Paulo: Herder, 1968.
 HORKHEIMER, Max. Eclipse da Razão. São Paulo: Centauro, 2000.
 HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 2000.
 LUKÁCS, Georg. Existencialismo ou Marxismo. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
 MERLEAU-PONTY, Maurice. Textos Seleccionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
 MERLEAU-PONTY, Maurice. Natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
 MERQUIOR, José G. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
 NUNES, Benedito. A Filosofia Contemporânea: trajetos iniciais. São Paulo: Ática, 1991.
 PUTNAM, Hilary. El Pragmatismo: un debate abierto. Barcelona: Gedisa, 1999.
 REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. História da Filosofia. Vol.III. São Paulo: Paulus, 1991.
 RICOEUR, Paul. O Si-mesmo como um Outro. Campinas: Papyrus, 1991.
 ROUANET, Sérgio P. As Razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
 SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada. Petrópolis: Vozes, 2002.
 SARTRE, Jean-Paul. Crítica da Razão Dialética. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
 STEGMULLER, W. A Filosofia Contemporânea. São Paulo: Epu,.

12. HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA II

EMENTA: A fenomenologia: teoria e método. A fenomenologia hermenêutica, herdeira e crítica do pensamento husserliano. A filosofia dialética da escola de Frankfurt. O atomismo lógico. O estruturalismo. Pragmatismo.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, T. W., Dialectique négative, Payot, Paris, 1978
 DERRIDA, J., Margens da filosofia, Rés ed., Porto, s/d
 DERRIDA. DA GRMATOLOGIA. São Paulo: Perspectiva.
 DELEUZE, G., Difference et repetition, Puf, Paris, 1969
 COPLESTON, F., Historia de la Filosofia, vol. VII, VIII, IX, Barcelona, Ed. Ariel, 1978-1985
 Deleuze. Nietzsche et le philosophie, Puf, Paris, 1962
 FEUERBACH, L., Princípios de filosofia do futuro, Ed. 70, Lisboa, 1988
 FREUD, S., O mal estar na Civilização. São Paulo: Abril Cultural. Os pensadores.
 GADAMER, H.-G., Verdade e Método. Petrópolis: Vozes.
 HEGEL, G.W.F., A fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Vozes.
 HEIDEGGER, M., Acheminement vers la parole, Gallimard, Paris, 1976
 HEIDEGGER. Chemins qui ne mènent nulle part, Gallimard, Paris, 1962
 HEIDEGGER. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes.
 LYOTARD, J.-F., Le Différend, Minuit, Paris, 1983
 KIERKEGAARD, S., O conceito de angústia, Ed. 70, Lisboa

NIETZSCHE, F., La volonté de puissance, Gallimard, 1995
 RICOEUR, P., Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique, Seuil, Paris
 SCHOPENHAUER, A., O mundo como vontade e representação, Rés ed., s/, 1962
 Histórias da Filosofia
 ABBAGNANO, N., Storia della Filosofia, tomo IV, Turim, Ed. Toriense, 1966; Trad. Portuguesa, Lisboa, Presença, 1983 (vol. 9, 55)
 BELAVAL, Y. (Dir.), Histoire de la Philosophie, tomo III, "Encyclopédie de la Pleiade", Paris, Gallimard, 1974
 CHATELET, F., história da filosofia. Lisboa: Dom Quixote.

13. FILOSOFIA DA LINGUAGEM

EMENTA: As diversas tendências da Filosofia contemporânea da linguagem. Linguagem, verdade e conhecimento. Linguagem e teorias científicas. Linguagem e epistemologia. A lingüística e a linguagem.

REFERÊNCIAS:

- Alston, P. W. *Filosofia da linguagem*. Trad. Álvaro Cabral, 2.ed. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1977.
- Apel, Karl-Otto. *Estudos de moral moderna*. Trad. Beno Dischinger - Petrópolis : Vozes, 1994.
- -----, *a TRANSFORMAÇÃO DA FILOSOFIA I e II*. São Paulo: Loyola, 2000.
- Auroux, Sylvain. *A Filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- Austin, J.L. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- -----, *Outras mentes*. Trad. Balthazar Barbosa Filho (et al.). 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Col. Os Pensadores).
- Ayer, A. J. *Lenguaje, verdad y lógica*. Trad. Marcial Suárez. Barcelona: Ed. Martínez Roca: 1971.
- Benveniste, Emile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. Maria de Glória Novak e Luiza Néri. São Paulo: EDUSP, 1976.
- Bleicher, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Ed. 70, 1980.
- Cabrera, Julio. *Margens da filosofia da linguagem*. Brasília: EDUNB, 2003.
- Conde, Mauro L. L. *Wittgenstein – linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.
- Crystal, David. *O que é lingüística?* Trad. Eduardo P. de Campos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981. (Col. Lingüística e Filologia).
- Dall'Agnol, Darlei. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 2.ed. Florianópolis: Ed.Unisinos, 1995.
- Frege, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- Gargani, Aldo. *Wittgenstein*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- Grondin, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benn Dischinger. São Lopoldo: Ed. Unissinos, 1999. (Col Focus)
- Heidegger, M. *Sobre o Humanismo* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- -----, *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Hudson, W. D. *La Filosofia moral contemporanea*. Trad. José Hierro S. Pescador. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

- Kristeva, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- Kutchera, Franz Von. *Filosofia del lenguaje*. Trad. espanhol. Adelino Alvarez. Madrid: Ed. Gredos, 1979.
- Marcondes, Danilo. *Filosofia, linguagem e comunicação*. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: Cortez, 1992.
- Muguerza, Javier (org.) *La Concepción analítica de la filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1974.
- Oliveira, Manfredo A. *Ética e racionalidade moderna*, São Paulo : Loyola, 1989.
- ----- . *Sobre fundamentação*, Porto Alegre: Edipucrs, 1993.
- Orlandi, Eni P. *O que é Lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Col. Primeiros Passos).
- Palmer, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Ed. 70, 1997.
- Pinto, Paulo R. Margutti. *Iniciação ao silêncio - Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998.
- Rabossi, Eduardo. *Estudios éticos*. Valência - Venezuela: Universidade de Carabobo, 1979.
- ----- . *La Filosofía analítica y la actividade filosófica*. Universidade Nacional de La Plata, Argentina. (Opúsculo).
- Sapir, Edward. *Lingüística como ciência*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- Schleiermacher, Friedrich D. E. *Hermenêutica – arte e técnica da interpretação*. Trad. Celso Reni Braidá. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2003.
- Schmitz, François. *Wittgenstein*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- Simon. Josef. *Filosofia da linguagem*. Lisboa: Ed. 70, 1990.
- Stegmüller, Wolfgang. *A Filosofia contemporânea - introdução crítica*. São Paulo: EPU, 1977.
- Stein, Ernildo. *A Caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCR 1997.
- Toulmin, Stephen & Janik, A. *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- Vattimo, G. Introdução a Heidegger. Lisboa: Ed. 70, 1989.
- Wittgenstein, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad., apres. e introd. Luis Henrique L. dos Santos. [Intro. Bertrand Russell] 2.ed. rev. e ampli. São Paulo: Edusp, 1994.
- ----- . *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Col. Os Pensadores).
- Xavier, A.C & Cortez, Susana (orgs.). *Conversas com lingüistas*. São Paulo: Editorial Parábola, 2003.

14. HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL

EMENTA:

Panorama histórico da recepção e dos desdobramentos da filosofia no Brasil: ecletismo, liberalismo, kantismo, positivismo, marxismo e correntes contemporâneas.

REFERÊNCIAS:

- ACERBONI, Lúcia. *A filosofia contemporânea no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1969.
- JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*. Petrópolis: Vozes - Faculdades Salesianas, 1997.
- MACHADO, Geraldo Pinheiro. *A filosofia no Brasil*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1976.

PAIM, Antonio. História das idéias filosóficas no Brasil. Londrina: UEL, 1997.

VITA, Luís Washington. Panorama da filosofia no Brasil. Porto Alegre: Globo, 1969.

CARVALHO, Laerte Ramos de. A formação filosófica de Farias Brito. São Paulo: Saraiva, 1977.

PRIMENTEL, Manuel Cândido. Odisséias do espírito: estudos de filosofia luso-brasileira. [s.1]: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996.

REALE, Miguel. Momentos decisivos e olvidados do pensamento brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, s/d.

SEVERINO, A. J. . A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

WEBER, Thadeu. A filosofia como atividade permanente em Farias Brito. Canos: La Salle, 1985.

15. ESTÉTICA

EMENTA:

Abordagem das várias concepções do belo. A relação entre a apreensão do fenômeno estético e da ética na Grécia Antiga. Apreensões do belo na idade Média. O nascimento da Estética na modernidade. Tendências da estética na modernidade e na contemporaneidade. A questão da Arte na modernidade.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Teodor. Teoria estética. Lisboa: Edições 70, 1970.
ARISTÓTELES. Poética. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: s/e, 1998.
BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.
BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1980.
BENJAMIM, Walter. Passagens. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
ECO, Umberto. A obra aberta. São Paulo: Perspectiva, 1976.
HEGEL, G.W.F. Curso de estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
JIMENEZ, Marc. O que é estética? São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
KANT, I. Crítica da faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.
BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
CANCLINI, Nestor Garcia. A socialização da arte. São Paulo: Cultrix, 1984.
COLI, Jorge. O que é arte? São Paulo: Brasiliense, 1981.
DUFRENNE, Mikel. Estética e filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1998.
ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1979.
ECO, Umberto. A estrutura ausente. São Paulo: Perspectiva, 1976.
JAMESON, Frederic. Marxismo e forma. São Paulo: Hucitec, 1985.
OLIVEIRA, Roberto C. de. Pós-modernidade. São Paulo: UNICAMP, 1987.
PAVIANI, Jayme. Estética mínima. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
PAVIANI, Jayme. A racionalidade estética. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991.
PAREYSON, Luigi. Conversaciones de estética. Madrid: Visor, 1998.
SOURIAU, Etienne. Chaves da estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
VAZQUEZ, Adolfo S. Convite à estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
WIMSATT, William K. & BROOKS, Cleanth. Crítica literária: breve história. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1971.

16: FILOSOFIA POLÍTICA

EMENTA: Discussão da política na tradição filosófica. A polis grega. Os precursores do estado. Estado de natureza e estado civil. O Estado-Nação. Indivíduo, sociedade e estado. As formas do estado. Estado e poder. Liberdade e poder. Política e Sociabilidade.

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. A política. Brasília: EDUNB, 1997.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Paulista, 1997.

BOBBIO, Norberto. Sociedade e Estado na filosofia política moderna. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: JZE, 1981.

CORBISIER, Roland. Filosofia política e liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

DEBORIN, A. M. Filosofia y política. Hugo Ibarburu. Montevideu: Pueblos Unidos, 1964.

GRAMSCI, Antônio. Maquiavel, a política e o estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

GREGER, Peter I. e LUCKMANN, Tomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1991.

HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia: entre a facticidade e a validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. Vol. I e II

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

HEGEL, G.W.F. Princípios fundamentais da filosofia do direito. São Paulo: Ícone, 1997.

HOBBS, Thomas. Leviatã. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).

HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: JZE, 1985.

KANT, I. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 1997.

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).

LÖWY, Michel. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Muncchausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LÖWY, Michel. Ideologias e ciência social. São Paulo: Cortez, 1985.

MACCIOCCHI, Maria Antonieta. A favor de Gramsci. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

MACPHERSON, C. B. A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAQUIAVEL. O Príncipe e Escritos políticos. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).

MARX, Karl. O Capital. Vol I, Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MATOS, Olgária. A escola de Frankfurt: Luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MOTTA, Benedicto. O homem, a sociedade, o direito de Marx. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1978.

RAWLS, John. O liberalismo político. São Paulo: Ática, 2000.

REALE, Giovanni. O estado democrático de direito e o conflito de ideologias. São Paulo: Saraiva, 1998.

ROUANET, Paulo Sérgio. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Do contrato social: Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983 (Col. Os Pensadores).

SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SKINNER, Q. As fundações do pensamento político moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WEBER, Max. Ciência e política. Duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1972.

17. BIOÉTICA

EMENTA:

As diferentes abordagens sobre a ética em pesquisa com humanos e animais. Princípios da bioética. Abordagens diversas sobre bioética.

REFERÊNCIAS:

- BELLINO, Francesco. Fundamentos da Bioética. Bauru/SP: EDUSC, 1997.
- BERLIGUER, G. & GARRAFA, V. Uomo e Merce. Milano: S/e, 1995.
- BERLINGUER, G. & GARRAGA, V. A Última Mercadoria: a Compra, a Venda e o Aluguel do Corpo Humano. Brasília: UNB, 1992.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Desafios Éticos. Brasília: UNB, 1993.
- DI MEO, A. & MANCINA, C. (Org). Bioética. Roma: Bari, 1989.
- ENGELHARDT JR., H. T. Manuele di Bioética. Milano: s/e, 1991.
- ENGELHARDT, H. Tristan. Fundamentos da Bioética. São Paulo: Loyola, 1998.
- FERRANTI, G. & MAFFETTONE, S. (Org). Introduzioni Alla Bioética. Napoli: s/e, 1992.
- GARRAFA, V. Bioética dos Transplantes (Prelo) R.S, 1995.
- GARRAFA, V. Bioética, Saúde e Cidadania. S/l: BSB, 1994.
- GARRAFA, V. O Mercado de Estruturas Humanas - A Soft Human Market. 1993.
- GARRAFA, V. Respostas ao Mercado Humano: Doações, Pesquisa e Prevenção. Brasília: UNB, 1994.
- GARRAFA, V. Usos e Abusos do Corpo Humano. s/l: s/e, 1992.
- JONAS, J. II. Ética, medicina e técnica. Lisboa: Vega Passagens, 1994.
- MORI, M. (Org.). Questioni Di Bioética. Roma: s/e, 1988.
- MORI, M. A. Bioética: sua Natureza e História. BSB, 1994.
- PESSINI, L. & DE BARCHIFON-TAINE, C. P. Problemas Atuais de Bio-Ética. 2. ed. São Paulo: s/e, 1994
- RODOTA, S. (Org.). Questioni di Bioética. Roma: Bari, 1993.
- ROMA. Medicina e Diritti Dell'uomo. s/l: s/e, 1991.
- SCHRAMM, F. R. Toda Ética é, Antes, uma Bioética. s/l: BSB, 1994.
- SCHRAMM, R. Bioética - A Terceira Margem da Saúde. S/l: BSB, 1995.
- SINGER, P. Ética Prática. S.P : Martins Fontes, 1994.
- SPINSANTI, S. (Org.) Bioética e Antropologia Medica. Roma: S/e, 1991.

5. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O TCC será uma atividade em que o estudante se relacionará diretamente com um(a) Professor(a) orientador(a), durante os dois últimos semestres do Curso.

A Orientação será dada a partir das linhas de pesquisa de cada professor, ou dos Grupos de Pesquisa que os Professores(ras) tiverem, através de Projeto de Pesquisa apresentado pelo estudante ao possível orientador(a). Cada professor poderá orientar no máximo 5 TCC por ano, podendo haver exceções, o que exigirá orientações do Colegiado de Curso. Na monografia de TCC o estudante deverá ser capaz de demonstrar trato com questões históricas e conceituais pertinentes ao âmbito filosófico.

6. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

200 horas, incluindo seminários, laboratórios, trabalho em pesquisa, participação em eventos científicos, seminários extra-classe, Núcleos de Pesquisa, projetos de extensão e monitoria.

7. AVALIAÇÃO

O processo de avaliação será discutido e acompanhado pelo Colegiado do Curso de Filosofia, onde serão discutidas as questões didático-pedagógicas das diversas disciplinas, observando as Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais (Específica para o Ensino Médio e para aquilo que diz respeito à Licenciatura) e aos princípios deste Projeto Político-Pedagógico.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Paulo; et al. **Filosofia e seu ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- COSSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura dos textos filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FÁVERO, Altair Alberto; RAUBER, Jaime José; KOHAN, Walter Omar. (orgs) **Um olhar sobre o ensino de Filosofia**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2002.
- FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio. (orgs.) **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. (orgs). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- GALLO, Silvio. **Ética e Cidadania**. Capinas: Papirus, 1995.
- IMBERT, Francis. **A questão da ética no campo educativo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- KOHAN, Walter Omar; CERLETTI, Alejandro A. **A Filosofia no ensino médio**. Brasília: Ed. UnB, 1999.
- KOHAN, Walter Omar, *O ensino da Filosofia Frente à educação como formação* In, GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio. (orgs.) **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- NOVAES, Adauto. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino da Filosofia**. Ijuí: ed. Unijuí, 2002.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Correntes Fundamentais da ética Contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- PERELMAN, Chaim . **Ética e Direito**. São Paulo: Martins Fontes. 2002
- PIOVESAN, Américo. [et. al.] **Filosofia e ensino em debate**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. (Coleção Filosofia e Ensino).
- SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.